A antropologia, a diferença e a entropia monotípica

Fala na Quartas Indomáveis de 18/05/2016, Auditório do Depto de Ciências Sociais, São Carlos.

Igor José de Renó Machado

O que, como antropólogos, poderíamos dizer sobre a crise política que se abateu sobre nós com o golpe jurídico/midiático à presidenta Dilma? A ideia dessa fala é apenas elencar algumas reflexões mais ou menos desconexas, que sirvam de apoio a um debate mais qualificado sobre a natureza dos eventos que vivemos nesse momento. O calor do momento, entretanto, sempre nos leva a algum tipo de wishfull thinking, já que todos esses movimentos nos afetam diretamente e afetam frontalmente a ilusão de normalidade democrática em que vivíamos. Digamos que golpe escancarou realidades que estavam já aí à flor da pele, como uma revelação do que já deveríamos saber de antemão.

O que essa operação de desvelamento do golpe nos diz sobre nossa situação? Vamos lá. Vou articular a fala em torno de apenas uma dimensão sobre os acontecidos recentes que nos permitem entender a gravidade dos fenômenos que encaramos. Vou falar da conversão quase mágica, mas certamente simbólica e hegemônica em termos gramscianos, do racismo tradicional das elites e classes médias brasileiras (e também das classes populares) em aversão política a um partido específico, que opera hoje em dia como um amálgama simbólico para os sentimentos mais preconceituosos, reacionários e, podemos certamente dizer, fascistas. Esse processo é parte de uma estratégia midiática de constituição de hegemonias e teve um sucesso incrível. É uma espécie de “case”, como gostam de dizer os economistas, exemplar de uma transmutação simbólica que resulta num efeito político prático, que interessa determinados agentes políticos do cenário nacional e internacional.

A luta contra o bolivarianismo sulamericano vem sendo travada a longo tempo, e a mera constituição de nomes como esse já indicam uma vontade política de desmoralização de qualquer política sistemática de construção de igualdade social. Mesmo que elas sejam muito modestas. Temos uma guerra simbólica onde o interesse das pessoas deve sucumbir ao interesse dos números, do fluxo de caixa, dos regimes fiscais austeros, etc. Muito já se disse sobre como esse discurso moralista fiscal é em si um conjunto ideológico trágico e potente, muito eficaz na proliferação de um ponto de vista liberal e reacionário no mundo contemporâneo, como vimos no fantasma da troika europeia e suas regras inflexíveis de austeridade impostas a Grécia e Portugal, por exemplo. Como um discurso moral eles ganharam uma dimensão religiosa, a ideia pífia de “dever de casa” operando como um mantra infalível do ser anódino de um mercado global. Regras religiosas operando com o FMI como uma espécie de vaticano do capital, ditando súmulas liberais de tratamento das doenças do esquerdismo infantil de países em geral “não sérios”.

Mas no Brasil, com um governo de centro-esquerda (com todas as críticas que se possa fazer ao rápido movimento à direita executado pelo PT ao longo desses anos de governo), tivemos um momento anti-clerical financeiro, com uma lógica de distribuição funcionando em certos momentos. Houve uma substantiva mudança em relação às políticas anteriores que evidenciaram o caráter moral ideológico dos discursos de austeridade fiscal. Esse acidente democrático no caminho do vaticano do capital resultou em descrédito de discurso moral religioso: o rei do discurso liberal estava nu, por assim dizer. Seria preciso outra maneira para restaurar o valor intocável da pregação da austeridade: e esse meio, no Brasil, veio pela transformação do racismo tradicional em uma manifestação política partidária que, ao mesmo tempo, oculta sua face abertamente racista, e transfere o ódio ao diferente, ao pobre, aos negros, aos outros para um partido inteiro.

A cruzada anti PT, orquestrada desde sempre pela Mídia, nutriu-se de uma estratégia de conversão simbólica não trivial: permitiu dar vazão à insatisfação da elite branca com a ascensão social de negros, pobres, desassistidos em geral. Como essa conversão acontece? Como isso foi

possível? A verdade é que ela aconteceu de uma forma simples e direta, relacionando a noção difusa de “mal” ao PT. Primeiro o mal é atribuído a tudo que faz o PT, as denúncias de corrupção são atribuídas exclusivamente o PT. Houve um trabalho delicado em evitar mencionar que outros partidos faziam parte do processo de corrupção endêmico do sistema político. Isso funcionou tão bem que foi possível a um político sobre o qual pesam as mais duras acusações de corrupção, conduzir um processo de impedimento da presidenta, sem que a legitimidade do processo fosse questionada efetivamente pela “opinião pública”.

Outro passo foi dado por movimentos radicais de direita, pró-ditadura, anti-comunistas e proto fascistas em ocupar as ruas em nome da luta ao “mal” que representaria o governo PT. Uma demonização entrou em curso, que resvalou lentamente para condenar determinados alvos das políticas públicas petistas. Não por acaso a política de cotas e o bolsa família foram alvos preferenciais entre os que protestaram de verde e amarelo contra o governo Dilma. A junção de gente branquinha, grupos de direita organizada, vilanização de políticas sociais e denunciamento dirigido produziu uma conjunção específica de transmutação simbólica. De repente, todos os ódios sagrados, suprimidos pelo avanço de políticas sociais de distribuição de renda, voltaram a ter a possibilidade de expressão social no ódio ao PT, na vontade de aniquilação desse partido como se tratássemos de uma sessão de exorcismo coletiva. Extrair o PT do poder virou sinônimo de livrar o país dos males. Nas palavras do pastor Feliciano: “o PT é partido das trevas. Só quem tem pacto com as trevas faz pacto com o diabo para colocar o Brasil onde ele está hoje”.

Essa conversão não deixou de ter seu caráter eminentemente religioso, obviamente. E é o caráter religioso que liga o que poderíamos chamar de um caráter geral de aversão à diferença que percorre o Brasil atual, fazendo da antropologia um conhecimento tão necessário para o desenvolvimento de uma perspectiva mais tolerante nesse cenário golpista fascista. O ódio protestante contra as diferenças “pecaminosas”, como a representada por outras opções sexuais, a transgeneridade, etc é um dos caminhos que conectaram o “mal” ao PT. Também o feminismo

como um mal a ser combatido entrou na equação religiosa, ao atacar o protagonismo “exagerado” das mulheres e a simpatia do partido dos trabalhadores por causas a favor do aborto. Essa dimensão conservadora, expressa tão nitidamente na votação da câmara dos deputados, na forma com os votos conservadores eram todos direcionados à “família”, essa categoria que entra no discurso quase como um bunker anti qualquer diferença: contra qualquer modelo de família e parentesco que não respeite as leis sagradas das religiões protestantes, tão ativas em promover a política como uma arena fundamental de seus pastores.

Transformar o PT em um mal em si foi possível com a conjunção da vilania atribuída ao denunciamento seletivo (apenas o PT aparece como corrupto) juntamente à diabolização efetuada pelo pensamento religioso super representado na câmara e no senado. Deus virou pauta de discurso anti petista. Essa aversão à diferença à Família tradicional associou-se a outras aversões reacionárias à diferença: aquela dirigida aos pobres em geral e aos negros em específico. A ascensão econômica mínima realizada por classes despossuídas, eminentemente mais negras que brancas, a dificuldade na contratação de mão de obra barata (a escassez de empregadas domésticas, por exemplo), tudo isso ativou um sentimento neo-escravocrata da elite brasileira, uma saudosa lembrança de quando se pagava amendoins para obter o trabalho de negros e pobres em geral.

Essas variáveis que se articulam em torno da recusa da diferença, sejam de cariz religioso, sejam de cariz de classe, ou ainda de cariz racial se fundiram no ódio ao PT. Produziu-se no Brasil contemporâneo um fenômeno impar e radical de racismo político seletivo, conectando o partido ao mal e, lamentavelmente, esse mal à diferença. Poderíamos dizer que o alvo preferencial do ódio das elites é um ódio à diferença em termos gerais: seja de classe, racial ou de gênero. A mídia foi o instrumento que permitiu a orquestração dessa conjunção e a transformação desse ódio geral numa arma política poderosa que levou até aqui ao fim do governo petista. É claro que esses ódios geram embaraços aqui e ali, como quando alguns jornalistas se envergonham de manifestações abertamente racistas e contra a diversidade sexual, por exemplo. Mas esse constrangimento sempre

durou muito pouco face a necessidade imperiosa de desmontar a agenda não tão liberal assim do governo petista, com todos os erros que podemos atribuir ao péssimo governo Dilma.

O papado do capital tem precedência sobre qualquer prurido relacionado aos direitos humanos, liberdade de expressão e coisas desse tipo, que insistem em questionar a religião do ajuste fiscal, religião máxima do capitalismo contemporâneo. A diferença é um empecilho à transformação do credo da austeridade em pensamento hegemônico geral no Brasil. Isso significou que o combate efetivo à diferença tomou corpo junto a essa transmutação simbólica que produziu um partido como fonte de todos os males nacionais, como fonte de um mal diabólico e também como fonte de um mal do desordenamento da “retidão” sexual (ao defender políticas de gênero). Associada a essa transmutação tivemos a produção simultânea dos portadores dessa ideologia anti-diferença, claramente manifestos nas manifestações anti-PT. Esse encontro de um movimento simbólico de junção dos “males” com um coletivo de pessoas assemelha-se a processos de constituição de coletivos fascistas ao redor do mundo, diga-se de passagem.

A produção desses novos fascistas/ultra conservadores religiosos é um gênio retirado da garrafa, que não vai voltar, infelizmente. O resultado dessa transmutação simbólica, com o novo racismo político autorizado (e do qual as pessoas não têm sequer vergonha) é a produção de um tanto de gente que não é exatamente controlável pelos meios de comunicação de massa, indicando como o processo fugiu ao controle daqueles que o dispararam como forma de derrubar um governo legítimo por um processo absolutamente ilegítimo. As manifestações abertamente fascistas nas passeatas são um caso desse tipo, gerando constrangimento na mídia, por exemplo. Mas o mais lamentável e prova da imprevisibilidade do que se está a criar é o fato das intenções de voto estarem canalizando muitos votos a personagens abertamente fascistas como o deputado Bolsonaro. Digamos que o monstro foi criado e liberado nas ruas e agora seus próprios criadores não o controlam: está constituído no país um espaço para a ultra direita facista, coisa que não existia a meros quatro ou cinco anos atrás.

Uma prova evidente de como a diferença é em si um adversário político a ser derrotado, oprimido e afastado da cena política é a configuração incrivelmente insensível do ministério do governo golpista interino: só homens brancos. Só homens brancos, um parte deles relacionada diretamente com as igrejas conservadoras. Não é por menos, dada a conjunção anti-diferença entre aqueles neo-escravocratas que desejam o fim da ascensão de negros e pobres (contra política de cotas e bolsa família) e os religiosos que desejam o fim de qualquer ameaça a uma ideia fixa de família tradicional, que justamente os ministérios da cultura e da ciência em tecnologia tenham sido dissolvidos em outros ministérios. Ambos ministérios lidam com regimes de diversidade que afrontam o neo-fascismo golpista: o MINC é obviamente o lugar privilegiado da diversidade na estrutura do estado (políticas que visam a promoção da diversidade, a tolerância em relação à diferença, etc). O Ministério da ciência e tecnologia produz política, por sua vez, a partir de narrativas que recusam discursos fascistas de “exclusividade”, que recusam justificativas naturais para comportamentos morais, que defendem ideias anti-criacionistas etc. A diferença está sob ataque nesse momento em que vivemos e a montagem do ministério (onde se cogitou um criacionista no MCT) é apenas mais uma evidência dessa dinâmica.

Numa guerra simbólica movida pela mídia, perde a diversidade como um projeto para uma país menos injusto, e cresce um monstro fascista, com seus muitos representantes em lugares importantes no sistema de comunicação midiática. A antropologia é uma espécie de adversário fundamental nesse cenário e estamos na linha de frente: já vem correndo processos de criminalização de antropólogos ligados a lutas por direitos indígenas, por exemplo.

E há ainda muitos outros exemplos desse processo de aversão à diferença, desse gênio desgarrado: uma professora italiana em BH está sendo processada pela PF por se manifestar politicamente, tendo como base uma legislação de imigração construída na ditadura para evitar a presença de “agitadores” no Brasil. Uma legislação construída na ditadura vem a calhar nesse momento para regular a relação com estrangeiros. Uma nota emitida pela FENAPEF (federação

nacional dos policiais federais) ameaça qualquer estrangeiro que se manifestar politicamente no Brasil. Isso se parece ou não com um estado fascista?

Encerro essa fala rápida e talvez periférica no enquadramento da questão do golpe indicando que nesse momento atual travamos uma batalha pela definição hegemônica do que é ser brasileiro e quem está vencendo essa batalha são os defensores de uma imagem da nação similar àquela exposta numa foto do atual ministério do governo interino golpista, com todas as consequências dessa preponderância. Re-escravizar o Brasil. Retificar os comportamentos sexuais. Viva a família brasileira!